

OUTONAL¹

Moacir Deabreu



[59]² Outonos!...

Pelas estradas desertas, caem vagarosas, com estalidos brandos sobre a areia luzente aos últimos raios do sol-pôr, as folhas últimas das árvores espectrais.

No narcotismo bizzarro da luz poente, as coisas imobilizam-se num quebranto morno, numa sonolência mórbida de atrofia nostálgicas.

A água canta suavemente, mansamente pelas cascatinhas esparsas ao longo do caminho.

Pássaros, além, na espessura amarelada dos capões, garganteiam melodias tristes, onde parecem errar as atonias suaves das tuberculosas que se deixam morrer, olhos postos no azul, mãos cansadas sobre os seios inviolados, deixando evolir dos lábios entreabertos a melodia suave de *Psyché*, sonhada pela alma emotiva de Lulli.

¹ DEABREU, Moacir. Outonal. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano X, n. 14, p. 59-60, 1 abr. 1916.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

A nostalgia bizarra das Coisas inantangíveis envolve a terra num coleio voluptuoso de quietudes balsâmicas, de ecletismos simbolistas, de aspirações quiméricas, infinitas...

Sob a modorra dos crepúsculos, a alma sente vagos desejos de fugir, fugir muito longe, onde possa tactelizar as quimeras da Vida!

Uma aragem morna faz tremulejar as folhas mortas, que vão ao léu do acaso, inúteis, contorcendo-se, como que ansiando tactelizar no [60] espaço a árvore-mãe que ficou longe, braços erguidos para o céu, nua, desolada na nudez eterna do seu líneo coração!

O Silêncio paira no ar, subjuga, doma a alma ignota das coisas.

Silêncio! Sombra do som, alma das sombras!

Silêncio langue de paisagens distantes, de velhos castelos medievais, de casarios brancos a diluírem-se na penumbra...

O Silêncio é irmão das almas desoladas; medita-se, com os olhos postos no céu, não por sentimento religioso, pois, as dores, as decepções fizeram os homens céticos, em cujos cérebros os dogmas bizarros das religiões de antanho, eivados de conclusões ilógicas, não conseguiam jamais entrar.

Este castelo antigo, com seus minaretes e torreões em ruínas, parece a antessala dessa Vida misteriosa que que esperamos dos arcanos incognoscíveis da Morte!

Velhas salas desertas, mudas, cheias de blandícias insonoras de carícias invisíveis; velhos vasos de Sèvres, partidos pelos cantos, empoeirados pela asa dos séculos; velhos tanques de água parada, dormem numa beatitude claustral de insulados do mundo, sob o manto invisível do Silêncio!

Nesta velha harpa abandonada, neste solar êxul, dormem todas as harmonias das eras fundas, todos os arroubos musicais de uma geração que

o mundo esqueceu, e que o tempo — penumbra que se esvai para o Infinito — amortalhou na afonia dos Silêncios velhos; harpa silenciosa onde a poeira dos séculos se estratificou, afonizando-a...

Velha lareira em ruínas, a recordar endeixas tristes que ouvira de erradios menestréis!

Este canapé recorda-se... uma virgem loira semi-púbere, olhos cismarentos, corpo esguio, seios brancos pequeninos, quadris esculturais e frágeis, um desnudo tímido de carne nevada... um normando moreno... um queixume dorido... um espasmo... uma onda de sangue...

Melodia insonora do Outono... a gente vive a recordar os belos dias da meninice, os arroubos do primeiro amor, a primeira desilusão...

As folhas caem, com estalidos brandos na areia branca dos caminhos desertos...

Lentamente, lentamente do fundo da paisagens absorta ao crepúsculo, zonzoneam e se esparramam soluços longos dum sino distante...

A noite desce... e o Outono anda despindo as árvores, pelas trevas silenciosas...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

